

## AUTOLESÃO: Neurobiologia, Psicopatologia e Terapia Comportamental Dialética na adolescência

Cristina Cardoso Gonçalves da Rocha COIMBRA<sup>1</sup>

Dayse Maria VASCONCELOS DE DEUS<sup>2</sup>

Edna Maria SOUZA<sup>3</sup>

### RESUMO

A adolescência é uma fase marcada por intensas transformações e maior vulnerabilidade a comportamentos autolesivos, como a autolesão. Este estudo aborda os fatores neurobiológicos, cognitivos e principais transtornos psiquiátricos que influenciam esse comportamento, destacando o desequilíbrio entre o sistema límbico e o córtex pré-frontal, a atuação do eixo HPA na regulação do estresse e as alterações nos neurotransmissores. Técnicas de neuroimagem apontam comprometimentos na conectividade cerebral em adolescentes que se autolesionam. Condições psiquiátricas como depressão, TPB, TDAH, esquizofrenia e TEA estão fortemente associadas à prática, que muitas vezes é usada como forma de recuperar o controle emocional. A Terapia Comportamental Dialética para Adolescentes (DBT-A) é apresentada como abordagem eficaz, envolvendo familiares para promover ambientes mais saudáveis. O estudo ressalta a importância de estratégias preventivas, capacitação da rede de apoio e compreensão empática das complexidades desse fenômeno, visando práticas de cuidado eficazes na promoção da saúde mental dos adolescentes. A pesquisa foi conduzida com base em artigos internacionais publicados nos últimos dez anos, incluindo revisões de literatura. A seleção dos trabalhos foi realizada na base de dados PubMed, Lilacs e Psycinfo utilizando os descritores “autolesão”, “adolescentes”, “transtornos psiquiátricos” e “terapia cognitivo-comportamental”, em diferentes combinações.

**Palavras-chave:** autolesão, adolescentes, terapia cognitivo-comportamental.

### ABSTRACT

Adolescence is a phase marked by intense transformations and increased vulnerability to self-harming behaviors, such as self-harm. This study addresses the neurobiological and cognitive factors, as well as the main psychiatric disorders that influence this behavior, highlighting the imbalance between the limbic system and the prefrontal cortex, the role of the HPA axis in stress regulation, and changes in neurotransmitters. Neuroimaging techniques indicate impaired brain connectivity in adolescents who self-harm. Psychiatric conditions such as depression, BPD, ADHD, schizophrenia, and ASD are strongly associated with the practice, which is often used as a way to regain emotional control. Dialectical Behavior Therapy for Adolescents (DBT-A) is presented as an effective approach, involving family members to promote healthier environments. The study highlights the importance of preventive

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Bacharelado em Psicologia na Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA. E-mail: [cristinacardosopsicologia@gmail.com.br](mailto:cristinacardosopsicologia@gmail.com.br)

<sup>2</sup> Docente dos cursos: Psicologia, Enfermagem e Fisioterapia da Faculdade de Ciências Humanas ESUDA / Doutorado em Medicina Tropical Federal de Pernambuco - UFPE. E-mail: [dayvasconcelos@gmail.com](mailto:dayvasconcelos@gmail.com) / <http://lattes.cnpq.br/6593135734510550> / <https://orcid.org/0000-0003-2426-5153>

<sup>3</sup> Bacharel e Licenciatura em Psicologia Clínica, Especialista em Neuropsicologia Clínica e Hospitalar, Terapia Cognitivo Comportamental. Professora do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas – Esuda. E-mail: [ednasouza@esuda.edu.br](mailto:ednasouza@esuda.edu.br)

strategies, empowering support networks, and empathetic understanding of the complexities of this phenomenon, aiming for effective care practices to promote adolescent mental health. The research was conducted based on international articles published over the past ten years, including literature reviews. The papers were selected from the PubMed, Lilacs, and Pepsic databases using the descriptors "self-harm," "adolescents," "psychiatric disorders," and "cognitive-behavioral therapy," in various combinations.

**Keywords:** self-harm, adolescents, cognitive-behavioral therapy.

## INTRODUÇÃO

Um estudo conduzido pelo Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para Saúde (Cidacs/Fiocruz Bahia), em colaboração com pesquisadores da Universidade Harvard e publicado no *The Lancet Regional Health – Americas*, evidenciou um aumento nas notificações e hospitalizações relacionadas a autolesão e prevalência de suicídio em todas as regiões do país, revelando uma tendência epidemiológica de ampla abrangência geográfica. No Brasil, foram registradas 720.480 notificações de autolesão, 104.458 internações hospitalares relacionadas ao ato e 147.698 suicídios entre os anos 2011 e 2022. Adultos e idosos continuam sendo os grupos mais afetados pelo suicídio. Contudo, os maiores crescimentos percentuais foram registrados entre os jovens, sendo uma elevação expressiva nas taxas de autolesões entre indivíduos de 10 a 24 anos no Brasil, com um crescimento anual médio de 29%.

Em 2022, as mulheres apresentaram mais que o dobro de notificações de autolesão em comparação aos homens (Alves, et al., 2024), evidenciando que o sofrimento psíquico ligado à prática da autolesão atravessa diferentes expressões de gênero e merece atenção qualificada. Esses dados não comprovam apenas o impacto do sofrimento emocional na vivência adolescente, como também indicam a necessidade de estratégias de prevenção e intervenção.

A autolesão é caracterizada por comportamentos em que o indivíduo provoca intencionalmente danos físicos ao próprio corpo como uma maneira de lidar com emoções intensas, aliviar o sofrimento psíquico, controlar o estresse ou tornar perceptível uma dor emocional que, de outra forma, seria não percebida (Dorol-Beauroy-Eustache; Mishara, 2021).

A autolesão com e sem intenção suicida pode compartilhar origens etiológicas semelhantes, explica Crown et al., (2012) além de apresentar fortes vínculos com

sintomas depressivos. Nas pesquisas de He et al. (2025), a impulsividade é um dos fatores mais importantes, contribuindo de maneira significativa para a ocorrência e manutenção desses episódios. Esses achados sugerem que o comportamento impulsivo e autolesão não devem ser vistos como categorias completamente distintas, mas sim como manifestações situadas em um mesmo espectro psicopatológico.

Os estudos de Lim et al., (2020) identificaram os principais transtornos psiquiátricos associados a adolescentes que se autolesionam foram: o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), o transtorno depressivo maior (TDM) e a esquizofrenia como sendo fatores de risco causais mais prováveis para autolesão, ocorrendo com uma frequência preocupante entre os jovens, gerando preocupação devido à sua gravidade e impacto emocional. De acordo com Blanchard et al., (2021) foi identificado que indivíduos com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) também apresentam uma probabilidade, três vezes maior de se envolver em comportamentos autolesivos, estes quando comparados à população neurotípica.

O Transtorno de Personalidade Borderline (TPB) costuma se manifestar de forma marcante, por meio de comportamentos de risco e autolesão, expressões que refletem trajetórias de desenvolvimento cruciais para a compreensão do TPB (Nakar et al., 2016). Pontuam os autores que a elevada prevalência em transtornos do neurodesenvolvimento, neuropsiquiátricos e genéticos destaca a urgência de aprofundar a compreensão dos mecanismos subjacentes, com vistas à formulação de estratégias terapêuticas mais eficazes e direcionadas.

Entre os adolescentes, explica Mastorci et al., (2024) que a autolesão tem se tornado um fenômeno cada vez mais frequente e preocupante, sendo muitas vezes invisibilizado ou mal compreendido por familiares, educadores e até mesmo por profissionais da saúde. Na adolescência, a autolesão pode ser consequência de uma interação complexa entre elementos biológicos, psicossociais e socioculturais.

Embora estudos como os de Falcão (2021), reconheçam a presença do comportamento de autolesão entre adolescentes, ainda persiste uma lacuna importante na compreensão dos fatores de risco específicos que contribuem para essa prática. Diante desse contexto, este estudo tem por objetivo analisar as alterações neurofisiológicas associadas a autolesão na adolescência, os principais transtornos psiquiátricos e evidenciar o tratamento terapêutico com mais respaldo científico para adolescentes que se automutilam.

Para Lopes e Teixeira (2019), torna-se essencial que profissionais estejam inteirados de tratamento direcionado, possibilitando assim, prevenir futuros comportamentos de autolesão para essa população, a fim de promover intervenções mais empáticas, assertivas e transformadoras, capazes de responder às reais necessidades nessa fase do desenvolvimento. A compreensão dessas questões não se limita ao âmbito acadêmico, ela representa um compromisso urgente com a preservação da vida, o enfrentamento do sofrimento psíquico e a consolidação de práticas de cuidado mais humanas e efetivas conforme estabelece o Art. 2º, alínea b do Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP, 2005).

A Terapia Comportamental Dialética (DBT) é uma técnica criada por Marsha Linehan (1993, apud Dijk, 2025) destinada a ajudar pessoas que têm muita dificuldade em gerenciar suas emoções. É frequente que pessoas que enfrentam esse tipo de problema emocional acabam se automutilando ou, ao menos, adotando comportamentos que pioram sua condição, como o consumo de drogas ou álcool, furtos ou apostas. A dificuldade em controlar suas emoções pode, em algumas ocasiões, resultar em problemas na escola, no trabalho e com o âmbito jurídico. Segundo Syversen et al., (2024) a Terapia Comportamental Dialética para Adolescentes (DBT-A) é uma abordagem clínica fundamentada em evidências científicas, destinada a reduzir comportamentos autolesivos entre os jovens. Esta técnica ajuda o jovem a lidar com padrões severos de descontrole emocional e reduzir ideias suicidas reforça o autor.

A presente pesquisa adotou como referência metodológica os princípios das autoras Lakatos e Marconi (2021), com enfoque no método dedutivo. Foram selecionados artigos internacionais e nacionais de revisão da literatura e estudos quantitativos publicados na última década, que fundamentam a discussão sobre adolescentes com comportamento autolesivos, transtornos psiquiátricos e intervenções baseadas na terapia cognitivo-comportamental. Foram utilizados 7 livros e 51 artigos científicos. Entre os principais autores das obras referenciais destacam-se Rathus e Miller (2022) com o Manual de Habilidades em DBTA para Adolescentes e Dijk (2025) com o livro Não deixe as emoções comandarem sua vida: habilidades de DBT para adolescentes. A busca bibliográfica foi realizada nas bases indexadoras PubMed, Lilacs e Pepsic, sendo o Pubmed a mais utilizada, por concentrar estudo que validam a linha temática que guiou esta pesquisa, utilizando como descritores os

termos: “adolescentes”, “transtornos psiquiátricos” e “terapia cognitivo-comportamental”, além de suas combinações. Complementarmente, foram utilizados livros dedicados ao estudo da autolesão na adolescência e terapia cognitivo-comportamental em jovens com comportamentos autolesivos. A coleta de dados foi realizada entre agosto e outubro/2025.

## **2. ADOLESCÊNCIA E FATORES NEUROBIOLÓGICOS**

A transição da infância para a adolescência é uma fase única da vida, cheia de mudanças importantes no corpo, nas emoções, na maneira de pensar e nas relações sociais. Aberastury e Knobel (1981) afirmam que esta fase é marcada por intensas contradições, um período confuso, ambivalente e, muitas vezes, doloroso. O ingresso no universo adulto, simultaneamente almejado e temido, simboliza para o jovem a ruptura definitiva com sua identidade infantil. Trata-se de um período dinâmico em que a interação contínua com o ambiente desempenha papel fundamental na configuração dos recursos individuais que sustentam o bem-estar e a saúde.

No intervalo sensível da infância para a adolescência, além das alterações hormonais, metabólicas e neurais, começam a emergir estratégias comportamentais que, em breve, irão moldar a identidade emocional, social e cultural do indivíduo, marcada pelo aumento significativo de pensamentos e comportamentos suicidas. Durante esse intervalo, observa-se um aumento significativo da vulnerabilidade psíquica, evidenciada por diversos transtornos mentais oriundos na infância (Kessler et al., 2005; Boeninger et al., 2010; Nock et al., 2013; Mastorci et al., 2024).

Essa fase do desenvolvimento humano, marcada por intensas transformações cognitivas, emocionais e sociais, coincide com uma elevação preocupante nos indicadores de autolesão, especialmente entre adolescentes do sexo feminino (Brager-Larsen et al., 2022) com um crescimento preocupante nos últimos anos. Esse comportamento tende a se configurar como uma estratégia de enfrentamento frente a estados emocionais de elevada intensidade, cuja elaboração interna ainda se encontra em processo de maturação (Stänicke, 2021).

Para o indivíduo em desenvolvimento, a prática da autolesão pode emergir como um recurso psíquico de enfrentamento diante de estados emocionais marcados pela intensificação de afetos negativos e pela dificuldade de simbolização do

sofrimento (Stänicke, 2021). Nesse contexto, o ato autolesivo passa a representar uma tentativa de retomada momentânea do controle sobre si mesmo, funcionando como estratégia paliativa frente à angústia psíquica que se impõe de maneira desarticulada. Embora amplamente abordada como mecanismo de regulação afetiva, a autolesão também desempenha uma função comunicativa, ao externalizar conflitos emocionais e relacionais que permanecem inscritos na esfera íntima e frequentemente inacessível à elaboração consciente do adolescente (Stänicke, 2021).

A adolescência é concebida como um período de elevada vulnerabilidade psíquica, caracterizado por uma dinâmica complexa de formação identitária, sustentada por três eixos estruturantes do desenvolvimento. O primeiro refere-se ao afastamento gradual das figuras familiares primárias; o segundo, à construção de uma identidade pessoal em relação ao sentimento de Integração a coletividades significativas; e o terceiro, à afirmação de uma posição subjetiva frente à identidade de gênero. Tais movimentos, interdependentes e dinâmicos, envolvem a interação entre aspectos psicológicos, relacionais, socioculturais e neurobiológicos, que modulam a maneira como o indivíduo elabora suas experiências e percepções. Embora esse processo esteja fortemente marcado pela cultura e pela herança histórico-familiar, é igualmente necessário reconhecer a influência dos fatores neurobiológicos. Nesse contexto, fase marcada por elevada reatividade emocional e maior exposição a situações estressoras, o eixo hipotálamo-hipófise-adrenocortical (HPA) exerce papel central na regulação das respostas fisiológicas e comportamentais ao estresse. Para o indivíduo em desenvolvimento, esse sistema atua na modulação das experiências adversas vividas, favorecendo a recuperação da homeostase interna diante de eventos percebidos como ameaçadores ou desorganizadores (Kloet et al., 2008).

A maturação ainda incompleta desse eixo durante a adolescência pode contribuir para uma resposta desproporcional ao estresse, evidências indicam seu possível envolvimento na patogênese da autolesão, o que destaca a importância de compreender suas funções no contexto da vulnerabilidade adolescente (Nater et al., 2010). Outro fator neurobiológico importante é o desequilíbrio maturacional entre as áreas frontais do cérebro e o sistema mesolímbico, este último associado à motivação e à recompensa. Esse desequilíbrio pode contribuir para a compreensão do motivo pelo qual os adolescentes costumam ter uma menor percepção das possíveis consequências negativas de suas ações (Grandclerc et al., 2016).

A fisiopatologia da autolesão está associada à desregulação de múltiplos sistemas neurotransmissores, incluindo os sistemas dopaminérgico, serotoninérgico, glutamatérgico e GABAérgico, além de alterações estruturais e funcionais nos circuitos fronto-límbico-estriatais. Essas disfunções comprometem processos cruciais como a regulação emocional, o processamento de recompensas e o controle inibitório, favorecendo o aparecimento e a manutenção do comportamento autolesivo (Zhang; Ibrahim; Venetucci, 2025). Além disso, fatores específicos do desenvolvimento psicológico também exercem influência significativa, como o amadurecimento da metacognição, entendida como a capacidade de refletir sobre os próprios processos mentais, e o raciocínio abstrato, que permite isolar propriedades ou funções específicas de um objeto. Embora essas capacidades cognitivas favoreçam o surgimento de representações mentais mais complexas, como a concepção da própria morte, os mecanismos de resposta cognitiva diante de ameaças ainda estão em processo de desenvolvimento. Como resultado, prevalecem estratégias de enfrentamento mais primitivas e automáticas, como a ruminação e a catastrofização (Medrano et al., 2016, Hallard, 2021). Esses diversos fatores demonstram que a autolesão durante a adolescência não deve ser vista de maneira simplificada. Pelo contrário, é uma expressão complexa de dor emocional, que surge da interação entre vulnerabilidades pessoais, amadurecimento neurobiológico e desenvolvimento cognitivo.

Os avanços nas pesquisas em neuroimagem têm proporcionado novos entendimentos sobre as características cerebrais associadas a diversos transtornos psiquiátricos (Hu et al., 2024; Dall'Aglio et al., 2024). Essas investigações revelam que conexões anatômicas no cérebro podem ser identificadas por meio da direção e organização das fibras da substância branca, observadas pelas variações na difusão molecular (Tae et al., 2018). A técnica de imagem por tensor de difusão (DTI) é frequentemente empregada em várias pesquisas e tem sido usada na avaliação de pacientes que se automutilam, indicando mudanças microestruturais relevantes (Hu et al., 2024; Xie et al., 2025). A anisotropia fracionada (AF), que avalia a integridade microestrutural dos feixes de fibras da substância branca cerebral, é a métrica usada no DTI. Essa medida fornece informações importantes sobre a organização estrutural da substância branca, pois indica não apenas o grau, mas também a direção da difusão da água nos tratos. Valores altos de AF indicam maior alinhamento e

integridade das fibras, ao passo que valores baixos podem indicar mudanças patológicas, como desorganização ou degeneração axonal (Tornifoglio et al., 2020).

Em um estudo recente, que utilizou DTI de alta resolução angular e análise estatística espacial baseada em rastreamento, adultos jovens com histórico de autolesão e depressão apresentaram redução generalizada na AF. Essa diminuição afetou estruturas como a radiação talâmica anterior, o cíngulo, o fascículo uncinado, além dos fascículos longitudinais superior e inferior em ambos os hemisférios (Westlund et al., 2020). Outro estudo, também com base em DTI, demonstrou que adultos com transtorno de personalidade borderline e histórico de autolesão apresentaram níveis reduzidos de AF no lobo frontal inferior (Grant et al., 2007). Aponta Chen e colaboradores (2025), que as alterações na conectividade estrutural detectadas em diferentes áreas cerebrais neste estudo sugerem que adolescentes com comportamento de autolesão apresentam padrões atípicos nas regiões responsáveis pelo processamento emocional, quando comparados aos controles saudáveis. Além disso, esses jovens apresentaram sintomas de ansiedade, sugerindo que as alterações na substância branca, particularmente nas ligações entre o sistema límbico e lóbulo pré-frontal, podem estar associadas não só à autolesão, mas também ao surgimento de sintomas ansiosos neste grupo.

Esses resultados para os pesquisadores acima, fortalecem a evidência de mudanças microestruturais na substância branca em pacientes que apresentam comportamento autolesivo. Compreender essa complexidade é fundamental para implementar intervenções que sejam mais empáticas, eficazes e embasadas, levando em conta tanto os elementos biológicos quanto às dimensões subjetivas relacionadas a esse comportamento.

### **3. VULNERABILIDADE EMOCIONAL E TRANSTORNOS PSIQUIATRICOS**

Como explica Falcão (2021), a autolesão pode ser compreendida como um ato significativo e transformador, uma marca que estabelece uma ruptura e inaugura uma nova configuração psíquica no percurso do adolescente. No processo de construção da autonomia, o jovem vivencia a complexa tarefa de se desvincular simbolicamente da família, dos pais e do espaço doméstico, visando a ampliação dos vínculos sociais e a consolidação de novas referências externas. Esse movimento exige uma



elaboração psíquica delicada: o adolescente busca preservar os modelos internalizados ao mesmo tempo em que se distancia deles, construindo sua identidade a partir desse jogo dinâmico entre continuidade e ruptura. Nesse contexto, a autolesão emerge como uma expressão possível dessa transição subjetiva, revelando o esforço do sujeito em lidar com os desafios da separação e da formação de novos laços.

Adolescentes envolvidos em comportamentos autolesivos tendem a apresentar elevados níveis de desregulação emocional. Além disso, é possível supor que esses jovens enfrentam maiores dificuldades para controlar impulsos diante de situações de intenso sofrimento emocional (Crowell et al., 2012). É fundamental considerar a influência do contexto pós-moderno, fortemente mediado pela tecnologia, no desenvolvimento emocional dos adolescentes. Nesse cenário, a construção da identidade passa a se apoiar em elementos externos, transitórios e inesgotáveis, dificultando a consolidação de uma identidade pessoal estável e autêntica (Martínez e Blanc, 2015). Essa fragilidade da identidade pessoal compromete o desenvolvimento de estratégias eficazes de regulação emocional. Paralelamente, uma crescente base de evidências tem associado o uso excessivo de mídias digitais a uma série de desfechos adversos nos âmbitos físico, psicológico, social e neurológico (Lissack, 2018). Do ponto de vista físico, destacam-se distúrbios do sono, hiperativação do sistema nervoso simpático e alterações na secreção de cortisol (Lissack, 2018). Em relação aos efeitos psiconeurológicos, parece haver um padrão de comportamento ansiogênico semelhante ao que ocorre em quadros de dependência, nos quais há ativação excessiva dos circuitos cerebrais de recompensa e dificuldade de controle sobre o uso. Esse padrão se assemelha ao visto em distúrbios ligados à dependência, como o consumo compulsivo de substâncias ou comportamentos, incluindo o uso problemático de mídias digitais. Também se nota uma redução na capacidade de enfrentamento social, o que agrava ainda mais a vulnerabilidade emocional dos adolescentes (Marino et al., 2020).

Estudos apontam uma correlação bidirecional entre o uso problemático das mídias sociais e a regulação emocional (Marino et al., 2018; Restrepo et al., 2020). Jovens com maior instabilidade emocional tendem a utilizar essas plataformas para ajustar o humor, buscar conforto ou lidar com emoções negativas, o que os torna mais inclinados a padrões de uso prejudiciais (Marino et al., 2020). Uma revisão atual revelou que o controle tem um impacto significativo no comportamento de autolesão

em jovens. Os jovens procuram alcançar controle em contextos e situações em que se sentem descontrolados. Quando esse controle não é possível de ser alcançado ou mantido, eles recorrem à autolesão, um comportamento que conseguem controlar. Para enfrentar o aumento da autolesão entre os jovens, pode ser benéfico oferecer a eles o conhecimento e as competências necessárias para administrar suas emoções e comportamentos em situações de incerteza. Também pode ser benéfico capacitar sua rede de familiares e amigos com as ferramentas necessárias para oferecer o suporte adequado aos jovens que praticam autolesão (Rheinberger et al., 2025). Diante disso, compreender a adolescência como uma janela sensível para o desenvolvimento emocional reforça a urgência de implementar ações preventivas e estratégias de promoção do bem-estar psíquico desde cedo.

O comportamento de autolesão durante a adolescência está fortemente associado a diversos transtornos de saúde mental, incluindo depressão, ansiedade e uso abusivo de substâncias (Borschmann et al., 2017; Lim et al., 2020). Além disso, esse comportamento está relacionado a um risco aumentado de prejuízos no desempenho educacional e na trajetória profissional futura (Mars et al., 2014; Borschmann et al., 2017). Segundo Reichl e Kaess (2021) a autolesão pode ser compreendida como um marcador de risco observável, útil para a detecção precoce da sintomatologia do transtorno de personalidade borderline durante a adolescência, uma vez que a instabilidade emocional é uma característica desse transtorno que contribui para a manutenção da autolesão e eleva o risco de comportamentos suicidas entre os indivíduos diagnosticados. Além disso, ela constitui um sintoma característico do transtorno de personalidade borderline, sendo possível supor que traços centrais do transtorno como instabilidade afetiva, distúrbios de identidade e dificuldades interpessoais antecedem e interagem com a autolesão. A autolesão também pode ser considerada um foco importante dentro dos programas terapêuticos voltados ao tratamento do transtorno de personalidade borderline (Reichl e Kaess, 2021).

Além das dificuldades cotidianas enfrentadas pelos adolescentes participantes do estudo realizado por Chen e colaboradores (2020), questões relacionadas ao humor, especialmente o humor depressivo, mostraram-se como fatores significativos na manifestação dos comportamentos de autolesão. Diante disso, recomenda-se que os sintomas depressivos sejam abordados prioritariamente no processo terapêutico, como estratégia para reduzir a frequência da autolesão não fatal entre adolescentes,

devido à constante vivência de experiências dolorosas, indivíduos com depressão podem enxergar a realidade de maneira negativa e distorcida. A partir da chamada tríade cognitiva, elas começam a acreditar que não têm valor, que o mundo ao seu redor é hostil e que o futuro não reserva esperança (Beck et al., 2012).

Lim et al. (2020) apontam a esquizofrenia como uma condição clínica de relevância significativa na etiologia dos comportamentos autolesivos, evidenciando seu papel na compreensão dos fatores subjacentes que contribuem para essa expressão psicopatológica. Além disso, o TDM e o TDAH também se destacam como distúrbios psicopatológicos com impacto relevante na predisposição à autolesão. Níveis elevados de impulsividade estão especialmente relacionados a indivíduos com esquizofrenia que possuem antecedentes clínicos de tentativas de suicídio e comportamentos autolesivos sem intenção suicida (Mork et al., 2013). A identificação precoce e o tratamento adequado dos sintomas centrais dessas condições, como os sintomas psicóticos e a impulsividade, podem trazer benefícios significativos para adolescentes que apresentam comportamentos de autolesão, contribuindo para a redução desses episódios e para a melhoria do bem-estar geral dos pacientes.

O TDAH está associado à autolesão durante a adolescência e o início da idade adulta, especialmente entre as mulheres (Meza, Owens e Hinshaw, 2020). A impulsividade tem sido apontada como um fator relevante na elevação do risco de comportamentos autolesivos e suicidas em indivíduos com TDAH (James, Lai e Dahl, 2004; Fitzgerald et al., 2019), sugerindo que esses indivíduos são mais propensos a agir de forma impulsiva, sem considerar plenamente as possíveis consequências de seus pensamentos ou ações. Durante o início da adolescência, a busca por experiências novas, excitantes ou de risco está fortemente associada ao surgimento da autolesão e as dificuldades relacionadas ao planejamento e à capacidade de antecipar consequências têm sido ligadas à persistência desses comportamentos ao longo do tempo (Lockwood et al., 2020). Adolescentes com TDAH que praticam autolesão também costumam apresentar sintomas associados ao transtorno de conduta. Nesses casos, a impulsividade é considerada uma vulnerabilidade compartilhada e predisponente para ambos os quadros clínicos (Beauchaine, Hinshaw e Pang, 2010).

A autolesão é frequente e duradoura no TEA, e os impactos deste comportamento são extremamente danosos tanto para o indivíduo quanto para seus familiares. Assim, esse padrão comportamental permanece como uma manifestação de grande relevância clínica no autismo (Steenfeldt-Kristensen, Jones e Richards, 2020). Adolescentes com TEA demonstram maior propensão à autolesão como forma de estabelecer distanciamento ou barreiras nas interações sociais. Essa conduta também pode servir para aliviar estados emocionais intensos, como ansiedade, frustração e raiva (Massaguer-Bardaji; Grau-Touriño; Gómez-Hinojosa, 2024).

#### **4. TERAPIA COMPORTAMENTAL DIALÉTICA PARA ADOLESCENTES QUE SE AUTOLESIONAM**

A Terapia Comportamental Dialética (DBT) segundo Rathus e Milles (2022) tem se mostrado uma abordagem eficaz para lidar com a complexidade emocional que caracteriza muitos adolescentes. Essa metodologia reconhece que comportamentos como ideação suicida, autolesão, envolvimento em práticas sexuais de risco, distúrbios alimentares, uso de substâncias e consumo abusivo de álcool são, em grande parte, manifestações de uma desregulação emocional profunda. Mesmo condutas menos intensas como ingestão ocasional de álcool, sinais leves de autolesão, explosões de raiva, evasão escolar e instabilidade nos relacionamentos, são compreendidas pela DBT como tentativas de manejar emoções intensas e desorganizadas.

Segundo Kothgassner (2021), a DBT-A é voltada tanto para o adolescente quanto para sua família. Normalmente, os adolescentes permanecem no ambiente onde desenvolveram seus padrões disfuncionais e, por isso, as famílias são incluídas no processo terapêutico para tratar comportamentos inválidos no ambiente em que vivem, essa perspectiva potencializa habilidades e reduz comportamentos desadaptativos ao tratar do repertório comportamental e comunicativo do jovem e dos responsáveis. Segundo os autores Rathus e Miller (2022), a DBT parte do princípio de que a desregulação emocional é a raiz de múltiplas formas de desorganização: interpessoal, comportamental, cognitiva e identitária. Nesse contexto, os comportamentos problemáticos na adolescência são influenciados por dois elementos centrais: a ausência de habilidades de autorregulação, tolerância ao sofrimento e

interação social eficaz; e a presença de fatores ambientais e pessoais que dificultam a aplicação dessas habilidades, mesmo quando já adquiridas.

Uma das estratégias empregadas na DBT-A é o *Mindfulness*, uma prática que auxilia os adolescentes a se auto conhecerem ao se tornarem mais cientes de seus pensamentos e sentimentos. Isso pode contribuir para a redução do estresse, melhora da saúde física e da qualidade do sono, e também ser eficaz no enfrentamento de questões emocionais, como ansiedade, raiva e depressão (Dijk, 2025). Para enfrentar esses desafios, a DBT propõe uma intervenção estruturada que visa: Capacitar adolescentes e suas famílias por meio do ensino de habilidades específicas, como regulação emocional, atenção plena (*mindfulness*), comunicação assertiva e estratégias para lidar com o sofrimento; Organizar o ambiente terapêutico e familiar de forma a reforçar o uso adequado dessas habilidades; Estimular a motivação dos jovens para substituir padrões disfuncionais por respostas mais adaptativas, identificando os fatores que perpetuam comportamentos prejudiciais; Promover a transferência das habilidades aprendidas para contextos reais da vida cotidiana; Oferecer suporte contínuo aos profissionais que atuam com adolescentes em situações de alta complexidade (Rathus e Miller, 2022)

No contexto da DBT, Dijk (2025) descreve três modos distintos de funcionamento mental. O primeiro é denominado mente racional, caracterizado pela predominância do pensamento lógico, analítico e voltado à resolução objetiva de problemas. O segundo, conhecido como mente emocional, refere-se ao estado psíquico em que os afetos se intensificam a ponto de se sobrepor à razão, conduzindo o indivíduo a agir de maneira impulsiva e a mente sábia representa uma síntese equilibrada entre cognição e emoção, operando como instância integradora na tomada de decisões, sem que um aspecto se sobreponha ao outro.

É essencial que o jovem que se autolesiona comece a refletir sobre seus padrões de pensamento, pois isso o ajudará a “orquestrar” suas emoções de maneira mais homeostática, trazendo mudanças benéficas significativas para sua vida. De acordo com Dijk (2025), a dificuldade em superar situações de crise sem agravá-las decorre, em grande medida, da ausência de planejamento prévio. Nessas circunstâncias, tende-se a recorrer a estratégias antigas, cômodas e, frequentemente, prejudiciais de enfrentamento emocional. A proposta da autora, fundamentada nos princípios da DBT, enfatiza a importância da autorregulação e da elaboração

consciente de um repertório de habilidades voltadas à sobrevivência emocional em momentos críticos. Com o uso contínuo dessas competências ao longo do tempo, observa-se uma redução significativa na incidência de crises, resultado da maior capacidade individual de lidar com o estresse e com emoções desconfortáveis.

## CONSIDERAÇÕES

A adolescência representa um período singular, moldado por intensas transformações cognitivas e emocionais, que tornam essa fase especialmente vulnerável ao surgimento de questões de saúde mental. Identificar a autolesão como um indicativo de diversas origens requer uma resposta unificada, fundamentada em saberes neurobiológicos e psicológicos. Nesse contexto, compreendê-la como um fenômeno complexo é essencial para prática clínica terapêutica utilizar a DBT-A, que têm demonstrado resultados promissores na redução desses comportamentos. O envolvimento da família, o fortalecimento da autorregulação emocional e o desenvolvimento da mente são elementos cruciais desse processo transformador, capazes de influenciar positivamente o curso da vida dos adolescentes. A persistência da desregulação emocional é frequentemente associada à exposição prolongada a ambientes invalidantes, nos quais as experiências subjetivas dos jovens são ignoradas ou desvalorizadas. Por isso, a DBT não se limita ao tratamento de transtornos graves, podendo ser aplicada em contextos escolares e clínicos como estratégia preventiva, também com adolescentes que apresentam sinais iniciais de sofrimento psíquico como dificuldades escolares, problemas de atenção, tristeza, ansiedade ou conflitos familiares, jovens com transtornos emocionais e comportamentais significativos, a DBT é incorporada como parte de um plano terapêutico intensivo, em ambientes ambulatoriais, hospitalares, residenciais ou socioeducativos. A DBT oferece uma estrutura abrangente e adaptável para promover o desenvolvimento emocional saudável na adolescência, atuando tanto na prevenção quanto no tratamento de comportamentos disfuncionais, e fortalecendo a capacidade dos jovens de lidar com os desafios da vida de forma mais equilibrada e consciente.

A pesquisa realizada corrobora com os achados de autores como Rathus e Milles, que destacam a importância de compreender a adolescência como uma fase de vulnerabilidade e potencial, na qual intervenções precoces e integradas como a

DBT-A, podem promover mudanças significativas no desenvolvimento emocional e na qualidade de vida dos jovens, oferecendo uma estrutura abrangente e adaptável para promover o desenvolvimento emocional saudável na adolescência, atuando tanto na prevenção quanto no tratamento de comportamentos disfuncionais, e fortalecendo a capacidade dos jovens de lidar com os desafios da vida de forma mais equilibrada e consciente. Ainda assim, torna-se necessário que novas pesquisas sejam continuamente desenvolvidas, com o intuito de aprofundar o entendimento sobre esse fenômeno e aprimorar as estratégias de intervenção, oferecendo respostas mais sensíveis e eficazes às necessidades da adolescência.

## REFERÊNCIAS:

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Cap. 1: o adolescente e a liberdade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ALVES, F.J.O; FIALHO, E.; ARAUJO, J.A.P. et al. CIDACS/FIOCRUZ BAHIA; HARVARD UNIVERSITY. The rising trends of self-harm in Brazil: an ecological analysis of notifications, hospitalisations, and mortality between 2011 and 2022. **The Lancet Regional Health – Americas**, [S.l.], v. 25, p. 1 - 11, mar. 2024. doi: 10.1016/j.lana.2024.100691. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2667193X24000188>. Acessado em: 05 ago. 2025.

BEAUCHAINE, T.P.; HINSHAW, S.P.; PANG, K.L. Comorbidity of attention-deficit/hyperactivity disorder and early-onset conduct disorder: Biological, environmental, and developmental mechanisms. **Clinical Psychology Science and Practice**, Estados Unidos. v. 17, n. 4, p. 327 - 336, dez. 2010. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1111%2Fj.1468-2850.2010.01224.x>. Acessado em 11 de jul de 2025.

BECK, AT.; RUSH, A.J.; SHAW, B.F. et al. **Terapia cognitiva da depressão**. Tradução de Cássia Maria de Castro Daltro. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 18 - 19.

BLANCHARD, A.; CHIHURI, S.; DIGUISEPPI, C.G.; LI, G. Risk of Self-harm in Children and Adults With Autism Spectrum Disorder: A Systematic Review and Meta-analysis. **JAMA Netw Open**. 2021 Oct 1;v. 4, n. 10, p. 1 - 15, 2021. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8527356/>. Acessado em 01 de set de 2025.

BOENINGER, D.K.; MASYN, K.E.; FELDMAN, B.J. et al. Sex differences in developmental trends of suicide ideation, plans, and attempts among European American adolescents. **Suicide Life Threat Behav**, v. 40, n. 5, p. 451 - 464, 2010. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC2995258/>. Acessado em 30 de ago de 2025.

BORSCHMANN, R.; BECKER, D.; COFFEY, C. et al. 20-year outcomes in adolescents who self-harm: a population-based cohort study. **The Lancet Child & Adolescent Health**, v. 1, n. 3, p. 195 - 202, 2017. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30169168/>. Acessado em 01 de set de 2025.

BRAGER-LARSEN, A.; ZEINER, P.; KLUNGSØYR, O.; MEHLUM, L. Is age of self-harm onset associated with increased frequency of non-suicidal self-injury and suicide attempts in adolescent outpatients? **BMC Psychiatry**, Reino Unido, v. 22, n. 1, p. 1 - 9, jan. 2022. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8790924/>. Acessado em 24 de ago de 2025.

BOENINGER, D.K.; MASYN, K.E.; FELDMAN, B.J. et al. Sex differences in developmental trends of suicide ideation, plans, and attempts among European American adolescents. **Suicide Life Threat Behav**, Estados Unidos, v. 40, n. 5, p. 451 - 464, out. 2010. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC2995258/>. Acessado em 23 de ago de 2025.

BORSCHMANN, R.; BECKER, D.; COFFEY, C. et al. 20-year outcomes in adolescents who self-harm: a population-based cohort study. **The Lancet Child & Adolescent Health**, Londres, v. 1, n. 3, p. 195 - 202, set. 2017. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30169168/>. Acessado em 06 de jul de 2025.

BRAGER-LARSEN, A.; ZEINER, P.; KLUNGSØYR, O.; MEHLUM, L. Is age of self-harm onset associated with increased frequency of non-suicidal self-injury and suicide attempts in adolescent outpatients? **BMC Psychiatry**, Londres, v. 22, n. 1, p. 1 - 9, jan. 2022. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8790924/>. Acessado em 30 de ago de 2025.

CHEN, R.; WANG, Y.; LIU, L. et al. A qualitative study of how self-harm starts and continues among Chinese adolescents. **BJ Psych Open**, Cambridge, v. 7, n. 1, p. 1 - 7, jan. 2020. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7791561/>. Acessado em 14 de jul de 2025.

CHEN, Y.; YANG, X.; LIAO, K.; YU, R. et al. Intractable prefrontal and limbic white matter network disruption in adolescents with drug-naïve nonsuicidal self-injury. **BMC Psychiatry**, Londres, v. 25, n. 1, p. 1 - 11, jan. 2025. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC12219605/>. Acessado em 30 de jul de 2025.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Código de Ética Profissional do Psicólogo. Resolução CFP nº 010/2005, de 21 de julho de 2005. Brasília: D: CFP, 2005. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/legislacao/codigo-de-etica/>. Acessado em: 02 de set de 2025.

CROWELL, S.E.; BEAUCHAINE, T.P. et al. Differentiating adolescent self-injury from adolescent depression: possible implications for borderline personality development. **Journal of Abnormal Child Psychology**, [S.l.], v. 40, n. 1, p. 45 - 57, jan. 2012. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC3269554/>. Acessado em 07 de ago de 2025.

DALL'AGLIO, L.; JOHANSON, S.U.; MALLARD, T. et al. Psychiatric neuroimaging at a crossroads: Insights from psychiatric genetics. **Developmental Cognitive Neuroscience**, Amsterdã, v. 70, p. 1 - 12, dez. 2024. doi: 10.1016/j.dcn.2024.101443. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/39500134/>. Acessado em 30 de ago de 2025.

DELGADO, A.O. Desarrollo cerebral y asunción de riesgos durante la adolescencia. **Apuntes de Psicología**, Espanha, v. 25, n. 3, p. 239 - 254, out. 2007. Disponível em: <https://www.apuntesdepsicologia.es/index.php/revista/article/view/77>. Acessado em 01 de set de 2025.



DIJK, S.V. **Não deixe as emoções comandarem sua vida: habilidades de DBT para adolescentes** - como lidar com mudanças de humor, controlar explosões de raiva e se relacionar melhor. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2025.

DOROL-BEAUROY-EUSTACHE, O.; MISHARA, B.L. Systematic review of risk and protective factors for suicidal and self-harm behaviors among children and adolescents involved with cyberbullying. **Preventive Medicine**, Amsterdã, v. 152, n. 1, p. 1 - 12, nov. 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34538376/>. Acessado em 05 de ago de 2025.

FALCÃO, Juliana. **Cortes & cartas: estudos sobre autolesão**. 1. ed. Curitiba: Appris, nov. 2021.

FITZGERALD, C.; DALSGAARD, S.; NORDENTOFT, M. et al. Suicidal behaviour among persons with attention-deficit hyperactivity disorder. **The British Journal Psychiatry: the journal of mental**, Reino Unido, v. 215, n. 4, p. 615 - 620, out. 2009. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31172893/>. Acessado em 13 de jul de 2025.

GRANDCLERC, S.; DE LABROUHE, D.; SPODENKIEWICZ..et al. Relations between Nonsuicidal Self-Injury and Suicidal Behavior in Adolescence: A Systematic Review. **PLoS One**, Estados Unidos, v. 11, n. 4 p. 1 - 15, abr. 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27089157/>. Acessado em 06 de ago de 2025.

GRANT, J.E.; CORREIA, S.; BRENNAN-KROHN, T.; MALLOY, P.F. et al. Frontal white matter integrity in borderline personality disorder with self-injurious behavior. **The Journal Neuropsychiatry and Clinical Neurosciences**, Estados Unidos, v. 19, n. 4, p. 383 - 390, out. 2007. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/18070840/>. Acessado em 05 de ago de 2025.

HALLARD, R.I.; WELLS, A.; AADAHL, V. et al. Metacognition, rumination and suicidal ideation: An experience sampling test of the self-regulatory executive function model. **Psychiatry Research**, Amsterdã, v. 303, p. 1 - 7, ago. 2021. doi: 10.1016/j.psychres.2021.114083. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34271370/>. Acessado em 05 de ago de 2025

HE, X.; HUANG, P.; XU, X. et al. Impulsivity and non-suicidal self-injury in adolescents: a systematic review and meta-analysis of longitudinal studies. **Psychiatry upfront**, [S.l.], v. 16 p. 1 - 18, jun. 2025. doi: 10.3389/fpsy.2025.158692. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC12133734/>. Acessado em 05 de ago DE 2025.

HU, C.; JIANG, W.; WU, Y. et al. Microstructural abnormalities of white matter in the cingulum bundle of adolescents with major depression and non-suicidal self-injury. **Psychological Medicine**, Reino Unido, v. 54, n. 6, p. 1113 - 1121, jun. 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37921013/>. Acessado em 01 de set de 2025.

JAMES, A.; LAI, F.H.; DAHL, C. Attention deficit hyperactivity disorder and suicide: a review of possible associations. **Acta Psychiatrica Scandinavica**, Dinamarca, v. 110, n. 6, p. 408 - 415, dez. 2004. Disponível: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15521824/>. Acessado em 31 de ago de 2025

KESSLER, R.C.; CHIU, W.T.; DEMLER, O. et al. Prevalence severity, and comorbidity of 12-month DSM-IV disorders in the National Comorbidity Survey Replication. **Arch Gen Psychiatry**, Estados Unidos. v. 62, n. 6, p. 617 - 627, jun. 2005. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC2847357/>. Acessado em 23 de ago de 2025.

KLOET, E.R.; KARST, H.; JOËLS, M. Corticosteroid hormones in the central stress response: quick-and-slow. **Frontiers in Neuroendocrinology**, Amsterdã, v. 29, n. 2, p. 268 - 272, abr. 2008. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/18067954/>. Acessado em 30 de ago de 2025.

KOTHGASSNER, O.D.; GOREIS, A.; ROBINSON, K.et. al. Efficacy of dialectical behavior therapy for adolescent self-harm and suicidal ideation: a systematic review and meta-analysis. **Psychological Medicine**, Reino Unido, v. 51, n. 7, p. 1057 - 1067, maio 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33875025/>. Acessado em 31 de ago de 2025.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

LANCHARD, A.; CHIHURI, S.; DIGUISEPPI, C.G. et al. Risk of Self-harm in Children and Adults With Autism Spectrum Disorder: A Systematic Review and Meta-analysis. **JAMA Network Open**, Estados Unidos, v. 4, n. 10, p. 1 – 15, out. 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34665237/>. Acessado em 01 de set de 2025.

LIM, K.X.; RIJSDIJK, F.; HAGENAARS, S.P. et al. Studying individual risk factors for self-harm in the UK Biobank: A polygenic scoring and Mendelian randomisation study. **PLoS Medicine**, San Francisco, v. 17, n. 6, p. 1 - 21, jun. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32479557/>. Acessado em 29 de 07 ago de 2025.

LOCKWOOD, J.; TOWNSEND, E.; ALLEN, H.; DALEY, D.; SAYAL, K. What young people say about impulsivity in the short-term build up to self-harm: A qualitative study using card-sort tasks. **PLoS One**. v. 15, n. 12, p. 1 - 22, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33347492/>. Acessado em 10 ago de 2025.

LOPES, L.; TEIXEIRA, L. Automutilações na adolescência e suas narrativas em contexto escolar. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 291 – 303, ago. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i2p291-303/>. Acesso em: 10 ago de 2025.

MARINO, C.; GINI, G.; VIENO, A. et al. The associations between problematic Facebook use, psychological distress and well-being among adolescents and young adults: A systematic review and meta-analysis. **Journal of Affective Disorders**, Amsterdã, v. 226, p. 274 – 281, jan. 2018. doi: 10.1016/j.jad.2017.10.007. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29024900/>. Acessado em 01 de set de 2025.

MARS, B.; HERON, J.; CRANE, C. et. al. Clinical and social outcomes of adolescent self harm: population based birth cohort study. **BMJ**, Reino Unido, v. 349, p. 1 - 13, out. 2014. doi: 10.1136/bmj.g5954. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25335825/>. Acessado em 01 de set de 2025.

MARTÍNEZ, C.C.; BLANC, G.A. El, Y. O fragmentado: Trastornos de personalidad en la posmodernidad. **Miscelánea Comillas. Revista de Ciencias Humanas y Sociales**, Espanha, v. 73, n. 143, p. 465 - 490, dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.comillas.edu/index.php/miscelaneacomillas/article/view/6416>. Acessado em 29 de ago de 2025.

MARZECKI, F.; AHMADZADEH, Y.I.; OGinni, O.A. et al. Initiation and stability of self-harm in adolescence and early adulthood: investigating social and aetiological factors in twins. **Journal Jamma Psychiatry**, Estados Unidos, v. 66, n. 6, p. 857 – 867, jun. 2025 Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC12062846/>. Acessado em 02 de setl 2025.

MASSAGUER-BARDAJI, B.; GRAU-TOURIÑO, A.; GÓMEZ-HINOJOSA, T. Diferencias en la autolesión en adolescentes y adultos jóvenes con trastorno del espectro autista: un enfoque de género. Differences in self-harm among adolescents and young adults with autism spectrum disorder: a gender-based approach. **Journal of Neurology**, Alemanha, v. 79, n. 2, p. 35 - 40, fev. 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38976582/>. Acessado em 31 de ago de 2025.

MASTORCI, F.; LAZZERI, M.F.L.; VASSALLE, C. et al. The Transition from Childhood to Adolescence: Between Health and Vulnerability. **Children (Basel)**, Suíça, v. 11, n. 8, p. 1 - 15, ago. 2024. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC11352511/>. Acessado em 23 de ago de 2025.

MEDRANO, L.A.; MUÑOZ-NAVARRO, R.; CANO-VINDEL, A. Procesos cognitivos y regulación emocional: aportes desde una aproximación psicoevolucionista. **Ansiedad y Estrés**, Espanha, v. 22, n. 2 - 3, p. 47 - 54, jun. 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1134793716300318>. Acessado em 02 de set de 2025.

MEZA, J.I.; OWENS, E.B. et al. Childhood predictors and moderators of lifetime risk of self-harm in girls with and without attention-deficit/hyperactivity disorder. **Development and Psychopathology**, Reino Unido, v. 33, n. 4, p. 1351 - 1367, dez. 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32536361/>. Acessado em 02 de set de 2025.

MORK, E.; WALBY, F.A.; HARKAVY-FRIEDMAN. et al. Clinical characteristics in schizophrenia patients with or without suicide attempts and non-suicidal self-harm--a cross-sectional study. **BMC Psychiatry**, Reino Unido, v. 13, n. 255, p. 1 - 8, out. 2013. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC3852098/>. Acessado em 03 de set de 2025.

MILLER, A.L.; RATHUS, J.H.; LINEHAN, M.M. Dialectical behavior therapy with suicidal adolescents. New York: Guilford Press, maio 2017.

NAKAR, O.; BRUNNER, R.; SCHILLING. et al. Developmental trajectories of self-injurious behavior, suicidal behavior and substance misuse and their association with adolescent borderline personality pathology. **Journal of Affective Disorders**, Amsterdã, v. 197, p. :231 - 238, jun. 2016. doi: 10.1016/j.jad.2016.03.029. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26995466/>. Acessado em 03 de set de 2025.

NATER, U.M.; BOHUS, M.; ABBRUZZESE, E. et al. Increased psychological and attenuated cortisol and alpha-amylase responses to acute psychosocial stress in female patients with borderline personality disorder. **Psychoneuroendocrinology**, Amsterdã, v. 35, n. 10, p. 1565 - 1572, out. 2010. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20630661/>. Acessado em 12 de jul de 2025.

NOCK, M.K.; GREEN, J.G.; HWANG. et al. Prevalence, correlates, and treatment of lifetime suicidal behavior among adolescents: results from the National Comorbidity Survey Replication Adolescent Supplement. **JAMA Psychiatry**. Estados Unidos, v. 70, n. 3, p. 300 - 310, mar. 2013. <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC3886236/>. Acessado em 23 de ago de 2025.

RATHUS, J. H.; MILLER, A. L. **Manual de habilidades em DBT para adolescentes**. Apresentação de Marsha M. Linehan. Tradução da 1ª edição norte-americana. Porto Alegre: Artmed, (2022).

REICHL, C.; KAESSE, M. Self-harm in the context of borderline personality disorder. **Current Opinion in Psychology**, Amsterdã, v. 37, p. 139 – 144, jun. 2021. doi: 10.1016/j.copsyc.2020.12.007. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33548678/>. Acessado em 02 de set de 2025.

RESTREPO, A.; SCHEININGER, T.; CLUCAS, J. et al. Problematic internet use in children and adolescents: associations with psychiatric disorders and impairment. **BMC Psychiatry**, Reino Unido, v. 20, n. 1, p. 1 - 11, mai. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32456610/>. Acessado em 01 de set de 2025.

RHEINBERGER, D.; SLADE, A.; TANG, B. et al. The role of control in precipitating and motivating self-harm in young people: A systematic review and meta-synthesis of qualitative data. **PLoS One**, Estados Unidos, n. 20, v. 6, p. 1 - 23, jun. 2025. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC12165347/#sec015>. Acessado em 09 de jul de 2025.

STÄNICKE, L.I. The Punished Self, the Unknown Self, and the Harmed Self - Toward a More Nuanced Understanding of Self-Harm Among Adolescent Girls. **Frontiers in Psychology**, Suíça, v. 12, n. p. 1–15, abr. 2021. doi: 10.3389/fpsyg.2021.543303. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33897508/>. Acessado em 23 de ago de 2025.

STEENFELDT-KRISTENSEN, C.; JONES, C.A.; RICHARDS, C. The Prevalence of Self-injurious Behaviour in Autism: A Meta-analytic Study. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, Alemanha, v. 50, n. 11, p. 3857 - 3873, nov. 2020. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7557528/>. Acessado em 25 de ago de 2025.

SYVERSEN, A.M.; SCHØNNING, V.; FJELLHEIM, G.S. et al. Evaluation of dialectical behavior therapy for adolescents in routine clinical practice: a pre-post study. **BMC Psychiatry**, Londres, v. 24, n. 1, p. 1 - 10, jan. 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38877441/>. Acessado em 06 de ago de 2025.

TAE, W.S.; HAM, B.J.; PYUN, S.B. et al. Current Clinical Applications of Diffusion-Tensor Imaging in Neurological Disorders. **Journal of Clinical Neurology (Seoul/Korea)**, Coreia do Sul, v. 14, n. 2, p. 129 - 140, fev. 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29504292/>. Acessado em 03 de set de 2025.

TORNIFOGLIO, B.; STONE, A.J.; JOHNSTON, R.D. et al. Diffusion tensor imaging and arterial tissue: establishing the influence of arterial tissue microstructure on fractional anisotropy, mean diffusivity and tractography. **Scientific Reports**, Reino Unido, v. 10, n. 1, p. 1 - 10, nov. 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33244026/>. Acessado em 02 de set de 2025.

TWENGE, J.M.; CAMPBELL, W. K. Associations between screen time and lower psychological well-being among children and adolescents: Evidence from a population-based study. **Preventive Medicine Reports**, Amsterdã, v. 12, n. p. 271 – 283, dez. 2018. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2211335518301827>. Acessado em: 26 de ago de 2025.

WESTLUND, S. M.; MUELLER, B.A.; KLIMES-DOUGAN, B. et al. White Matter Microstructure in Adolescents and Young Adults With Non-Suicidal Self-Injury. **Frontiers in Psychiatry**, Suíça, v. 10, n. 1016, p. 1 - 10, jan. 2020. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC6992587/>. Acessado em 01 de set de 2025.

XIE, Y.; WU, S.; LI, J. et al. Impulse control deficits among patients with nonsuicidal self-injury: a mediation analysis based on structural imaging. **Journal of Psychiatry & Neuroscience**, Canadá, v. 50, n. 2, p. 1 - 12, mar. 2025. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/40037660/>. Acessado em: 02 de set de 2025.

ZHANG, K.; IBRAHIM, G.M.; VENETUCCI, F. G. Molecular Pathways, Neural Circuits and Emerging Therapies for Self-Injurious Behaviour. **International Journal of Molecular Sciences**, Suíça, v. 26, n. 5, p. 1 - 34, maio 2025. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC11900092/>. Acessado em 02 de set de 2025.